

Folkcomunicação religiosa na festa do Divino em Santa Tereza - Figueirão/MS¹

Greicy Mara FRANÇA²
Letícia Monteiro ROCHA³

RESUMO

Este artigo visa analisar a festa religiosa sul-mato-grossense denominada Festa do Divino de Santa Tereza situada no município de Figueirão, distante à 240 km de Campo Grande. Através da Teoria da Folkcomunicação, base desta investigação, buscar-se-á descrever os vários momentos pertencentes a festa, tanto o período profano, quanto o sagrado. A pesquisa aqui é dividida em um breve histórico da folkcomunicação, para situar as intenções da investigação dentro do campo folkcomunicacional; posteriormente são expostas as definições de cultura popular e a questão da religião; e finalizado com a descrição do surgimento do festejo e os vários momentos que o evento possui durante a realização. O desenvolvimento deste trabalho utilizou-se o método de pesquisa de levantamento bibliográfico para dar o suporte teórico necessário à pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; festa religiosa; manifestação popular; Festa do Divino.

INTRODUÇÃO

Estudar Folkcomunicação no Brasil ainda é um grande desafio, mas ao mesmo tempo prazeroso em cada descoberta realizada. O viés metodológico interdisciplinar que a teoria propõe ao pesquisador torna-se de um lado facilitador pela questão da multiplicidade de escolha para linha a qual poderá seguir, mas ao mesmo tempo a abrangência demasiada pode trazer um certo desconforto para o observador, principalmente quando o mesmo está iniciando os estudos da teoria.

Para os estudantes de comunicação em Mato Grosso do Sul, existe atualmente um entrave no ensino da teoria, primeiro pela falta de professores pesquisadores da área e segundo a não oferta de disciplinas relacionadas ao contexto nas universidades. O reflexo disso, pode-se perceber na baixa produção científica em Folkcomunicação no Estado.

¹ Trabalho apresentado no GT 5 Cidadania e Sustentabilidade Ambiental, Social e Cultural da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: greicy.franca@ufms.br.

³ Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: natasha_let@hotmail.com

Alguns "aventureiros", como a pesquisadora Marlei Sigrist adotou a Teoria para falar sobre folclore, área de atuação da mesma, o que ainda mantém a pouca produção científica na área, mas na visão geral, é insuficiente a produção levando em consideração a diversidade cultural e religiosa que Mato Grosso do Sul detém.

Visto o panorama, este artigo visa preencher uma parte da lacuna existente localmente, ao pesquisar a Festa do Divino de Santa Tereza, ou como é também conhecida, a Folia dos Malaquias. Divididos em quatro partes, inicialmente é discutido um breve histórico da Folkcomunicação e os desdobramentos teóricos ocorridos, posteriormente é analisado as definições de cultura popular e a questão da religiosidade, e encerra-se descrevendo sobre a origem do evento e os vários momentos (sagrado e profano) ocorridos durante a festa. Para esta elaboração deste trabalho utilizou-se o método de pesquisa o levantamento bibliográfico.

FOLKCOMUNICAÇÃO: UM BREVE HISTÓRICO

Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986), jornalista, destacou-se na pesquisa latino-americana no âmbito das ciências da comunicação. Foi pioneiro no tratamento do estudo das tradições populares, que definiram em linhas gerais, o ponto inicial para elaboração da tese em 1967 pela Universidade de Brasília, denominada por ele de Folkcomunicação (MELO, 2008).

Por Folkcomunicação Beltrão define como "o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore"(BELTRÃO, 2014, pág. 70).

Luiz Beltrão foi responsável pela criação do primeiro centro nacional de pesquisas acadêmicas sobre comunicação - o ICINFORM (Instituto de Ciências da Informação) - na Universidade Católica de Pernambuco, em Recife, no ano de 1963, no qual as finalidades do Instituto destacavam-se: investigação científica da informação coletiva, referindo-se às áreas do Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas; treinamento e aperfeiçoamento de profissionais; difusão de estudos relacionados com as Ciências da Informação; estudos voltados para a formulação de uma Teoria Geral das Ciências da Informação e intercâmbio com outras entidades da mesma natureza sediadas no exterior. Criou também a primeira Revista Científica brasileira, denominada Comunicação e Problemas, onde discutia-se sobre temas relacionados à comunicação. E

finalmente, o primeiro doutor em Comunicação diplomado no Brasil, de onde despontou a tese tema do que viria a ser a Teoria da Folkcomunicação. (MELO, 2008).

Hoje, por honra e mérito do empenho em defender uma teoria da comunicação com ênfase nos povos marginalizados, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), como forma de homenageá-lo, criou a partir de 1997 o "Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação", destinado às personalidades ou instituições que prestaram serviços relevantes ao campo de conhecimento em nosso país (MELO, 2008, pág. 26-27) .

O objeto de pesquisa da Folkcomunicação está na fronteira entre Folclore e a Comunicação de Massa. Para José Marques de Melo (MELO, 2007, pág. 21) "Folclore é o regate e interpretação da cultura popular e Comunicação de Massa a difusão industrial de símbolos, através de meios mecânicos ou eletrônicos, destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas".

Melo conceitua a terminologia Folk para explicar a compreensão original de Luiz Beltrão teve para elucidar a problemática da pesquisa: o processo de intermediação entre a cultura de massa e a cultura dos povos marginalizados. Desta forma, conclui-se assim:

folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas e Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar em linguagem mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural⁴ (MELO, 2007, pág.21.).

As observações realizadas por Beltrão nas obras do folclorista Câmara Cascudo, em especial sobre as manifestações da comunicação popular nordestina foram fundamentais e decisivas para a sistematização e ordenação de informação naquilo que seria em breve a fundamentação base para sua tese do doutorado. Vale ressaltar, que a Folkcomunicação tem amparo teórico também nas teses do neomarxista de Edison Carneiro, em especial na pesquisa "dinâmica do folclore". (MELO, 2007, pág. 23).

Além dos estudos de Câmara Cascudo e Edison Carneiro, a teoria da Folkcomunicação buscou referências para o seu aporte em teorias norte-americanas de comunicação de massa. Um dos desdobramentos se constituiu na hipótese dada por Lazarsfeld e Katz - *two step flow of communication* para refutar a ideia dominante da onipotência midiática (MELO, 2014, pág.13).

As transformações ocorridas na teoria durante os desdobramentos produzidos pelos novos pesquisadores da Folkcomunicação, possibilitaram a transposição da análise inicial de Beltrão - os processos de recodificação popular das mensagens da cultura de massa - ampliando também para a pesquisa sobre a apropriação de bens da cultura pela indústria cultural (MELO, 2007, pág.22) .

CULTURA POPULAR E A RELIGIOSIDADE

Pessoa (2005, pág.7) defende que a dança, a culinária, o artesanato, as festas religiosas ou não, são representações do esforço produzido para garantir a sobrevivência, às vezes em condições hostis." e Bosi (2000, pág. 65) diz que na cultura popular, novo e arcaico se entrelaçam; os elementos mais abstratos do folclore podem persistir através dos tempos e muito além da situação em que se formaram. De acordo com os estudos de Ortiz (1980, pág. 121), o autor define a religião como um tipo determinado de concepção de mundo que se situa entre a filosofia e o folclore.

Para Azevedo (1981) no Brasil há uma vigência da religião civil e isto acontece por dois motivos históricos: 1) é mantido desde o período do império uma relação entre a Igreja e o Estado; 2) a cultura brasileira foi fortemente influenciada pelo catolicismo, isso é notado pelo calendário adotado (cristão), as festas religiosas em sua maioria ligada a santos do catolicismo, feriados de santos católicos, em que municípios e até a mesmo a federação utilizam-se do dia do padroeiro para decretar feriado.

No caso da Festa do Divino as participações dos governos municipais de Figueirão e Camapuã (a comunidade Santa Tereza já pertenceu ao município de Camapuã) são fundamentais para a realização do evento. Os papéis desempenhados pelas duas prefeituras são de suma importância, já que a comunidade fica em local de difícil acesso. São oferecidos: transporte gratuito do município de Camapuã, ida e volta para os fiéis; assim também o faz Figueirão até a comunidade Santa Tereza; e ajuda de custo para divulgação em *outdoor* e na rádio local Nossa FM.

Percebe-se que a festa religiosa para esta localidade é de interesse dos órgãos públicos, em determinados períodos também é dos agentes públicos como vereadores, deputados e senadores. Neste contexto, o Estado atua como intermediador e colaborador de eventos populares religiosos, auxiliando na manutenção da comemoração da Festa do Divino.

Por fim, estas configurações de entrelaçamento entre religião e a cultura popular, com uma certa interferência do Estado, colabora para o que Bosi (2000) chama de uma reelaboração constante. No caso, o festejo reordena-se para atender uma demanda específica, objetivando melhor atender o visitante.

FESTA DO DIVINO EM FIGUEIRÃO

A Festa do Divino Espírito Santo tem uma alta recorrência na região central do Brasil, especificamente no Centro-Oeste. Sobre a origem e chegada nesta região é quase inexistente a bibliografia relacionada. Acredita-se que o costume da comemoração veio de Portugal trazida pelos jesuítas e os primeiros colonos, que difundiram em todo o país antes da expansão para a região central (AMARAL, 1998, pág.200).

A crença em torno do Divino Espírito Santo é muito popular no Centro-Oeste, mas também tem forte tradição nos estados de Minas Gerais e São Paulo. Esta interiorização da festa deu-se principalmente pela corrida do ouro no centro Brasil, como podemos observar em Goiás, especificamente a cidade de Pirenópolis período em que houve grande concentração de áreas de mineração do ouro e dali surgiu uma das mais importantes Festa do Divino do país (AMARAL, 1998).

A Festa do Divino é de tradição católica, realizada cinquenta dias após a Páscoa no domingo de Pentecostes, em comemoração ao aparecimento do Espírito Santo aos discípulos de Jesus Cristo. O Divino não é considerado padroeiro oficial da maioria dos municípios em que existe a celebração, como também não existe atributos específicos da divindade, como ocorre por exemplo com São Francisco de Assis, padroeiro dos animais, ou Santa Luzia, protege os olhos, desta maneira, os pedidos de milagres são multivariados (AMARAL, 1998, pág.202).

Foi no século XIII que a festa do Divino foi reconhecida oficialmente pela rainha Isabel em Portugal, na região de Alenquer. A festa que até então era considerada pagã, entrou no calendário das celebrações sacras portuguesas. Enquanto que no Brasil, o reconhecimento veio apenas depois da independência, por volta de 1822, algo irrelevante, pois o povo já proclamava o "país de Império do Espírito Santo"(SILVEIRA, 2011).

No município de Figueirão, no Estado do Mato Grosso do Sul, a comunidade de Santa Tereza, liderada pela família Malaquias, realiza a Festa do Divino desde 1909

como forma de agradecimento ao milagre concedido pelo Divino Espírito Santo (SIGRIST, 2014).

Naquele período, no início do século XX, a região foi acometida pela febre amarela, doença infecciosa que não tratada levava a morte em um período curto de tempo. Como a região era pouco habitada e por conseguinte não havia acesso fácil ao tratamento dos enfermos, a dona Maria Francelina de Jesus, esposa do senhor Joaquim Malaquias - um dos desbravadores do local, pediu ao Divino que encontrasse no mato do cerrado uma planta que curassem os doentes, e como forma de agradecimento ela iria celebrar a festa até a terceira geração da família (SIGRIST, 2014).

No ano de 2016, a Festa do Divino, ou como é conhecida a Folia dos Malaquias, completou 107 anos de existência, com os descendentes Malaquias a frente das comemorações e da organização. Pouca coisa mudou durante o período da realização, entre 1909 a 2016, apenas adequações e maior infraestrutura para atender e abrigar quase dois mil visitantes oriundos de várias regiões do Estado. Entre as características que se mantêm quase inalteradas são: o local da missa, do terço e do giro da bandeira principal na pequena igreja Divino Espírito Santo; o giro da segunda bandeira acontecia em um período de dois meses, justamente pela distância entre as fazendas e os sítios vizinhos, atualmente o percurso é de apenas quinze dias antes do evento; o percurso ainda é realizado apenas a cavalo; os rituais profanos e sagrados misturam-se, com ênfase na catira, uma dança introduzida no decorrer dos anos, com a origem pouco conhecida pelos próprios organizadores (acredita-se que foram viajantes mineiros em carros de boi, ao passarem na região ensinaram a dança) (SIGRIST, 2014).

CARACTERÍSTICAS FOLKCOMUNICACIONAIS: DO PROFANO AO SAGRADO

A Festa do Divino de Santa Tereza divide-se em uma parte religiosa e outra profana. A festa profana encontra-se a dança do catira; o baile musical com bandas locais; o leilão de animais e objetos de pequeno a grande valor; e a bebida cachaça, consumida pelos foliões e também pelos fiéis. Já a festa religiosa tem o giro da bandeira; a bandeira com os ex-votos; a missa no domingo de Pentecostes; a reza do terço cantado; a folia do anúncio da festa, bem como a arrecadação de donativos; o uso cordão no pescoço para representar a presença do Divino; o banquete servido com

fartura; e a queima da fogueira juntamente com o içamento da bandeira para sinalizar o fim do evento religioso.

- **Ex-votos**

A bandeira principal localizada na pequena capela da comunidade, foi modificada para atender o desejo dos pagadores de promessa. Nela foram confeccionados bolsos na parte frontal para depósito de fotografias e pequenos objetos, justamente para facilitar e dar uma vida útil mais longínqua para o estandarte, visto que, anteriormente os fiéis fixavam firmemente os ex-votos, e quando iam retirar acabavam ocasionando pequenos rasgos no tecido (SIGRIST, 2014).

Os promesseiros pagam as promessas através do ex-voto. A fotografia utilizada neste ritual simboliza o agradecimento pela benção recebida. Em algumas festas religiosas pelo Brasil, este processo é caracterizado pela confecção de réplicas do local ou membro que foi abençoado, por exemplo, se o fiel teve alguma doença na mão, ao conseguir a cura, o mesmo manda fazer em madeira ou gesso a mão curada (SIGRIST, 2014).

Figura 1. Ex-voto



Fonte: <https://goo.gl/pFdMyW> (2016)

- **Giro da bandeira**

O giro da bandeira é um dos momentos mais importantes da Festa do Divino. Durante quinze dias os foliões percorrem em média 50 propriedades rurais no entorno, totalizando uma distância de 225 quilômetros. O objetivo da folia é levar o santo, que está estampado na bandeira, a todas as residências das famílias que se dispuseram a recebê-lo, como também, a benção da casa; o recebimento de enfeites para a bandeira

e donativos para realização da festa; presentes (mimos) como caráter de ex-voto e por fim, de grande relevância é de convidar as pessoas para a festa (SIGRIST, 2014).

Figura 2. Giro da bandeira



Fonte: <https://goo.gl/2VC1wh> (2016)

- **Cordão**

Dentro da capela para rezar o terço, os foliões seguem um ritual específico, cada um coloca o cordão no pescoço. O cordão consiste em um pedaço de pano de seda com um pingente de madeira na forma de uma cruz, com a insígnia do Divino (a pomba de asas abertas) em metal amarelo acoplada a cruz. Este cordão representa a confirmação da presença do Divino Espírito Santo em cada espaço percorrido pelos foliões e também traz o status de representantes do sagrado (SIGRIST, 2014).

Figura 3. Cordão



Fonte: <https://goo.gl/vo1zSG> (2016)

- **Folia do anúncio da festa**

A viagem dos foliões seguem algumas regras determinadas: à frente vai os alferes com bandeira; na sequência uma fila dupla de cavaleiros, que também são divididos de acordo com a hierarquia, a sequência é: chefe dos foliões, folião de guia (ou primeiro folião), violeiros, sanfoneiro, caixeiro, demais músicos, campeiro de tropa. Já os salveiros seguem sempre à frente para anunciar a chegada do santo (SIGRIST, 2014).

As residências que estão no roteiro para receber o cortejo, geralmente a família aguarda no portão de entrada da casa, com as portas e janelas da residência abertas para simbolizar o convite de boas vindas (SIGRIST, 2014).

O dono da casa recebe os foliões proferindo a frase: "vamos entrar"? Enquanto uma parte da comitiva prende os animais em local adequado, o alferes vai até a família para que possam se prostrar diante da bandeira a fim de reverenciá-la. Depois deste ritual, a bandeira é levada para outros cômodos com intuito de abençoar todo o ambiente (SIGRIST, 2014).

Depois do acolhimento da família, todos os integrantes seguem para o local na residência destinada ao altar do Divino. Lá inicia-se a cantoria, um preâmbulo do convite para participação do festejo (SIGRIST, 2014).

Aqui está Senhor Divino

Que veio lhe visitar

Ele está lhe convidando

Pro seu dia festejar

O senhor com sua família

Pra com ele se achar

Dezessete do mês de maio

Para o seu terço rezar

Neste exemplo o dia foi dezessete de maio, mas cada ano a festa acontece em data diferente e a desta forma, a letra da cantoria é adaptada. Depois desse ritual, o chefe da folia confirma a presença da família no festejo (SIGRIST, 2014).

Também acontece outra cantoria, caso haja uma oferenda dinheiro, mimos, flores ou outros itens destinados para colaboração da festa do Divino. Este ritual descreve o quão o santo está agradecido pela oferta (SIGRIST, 2014):

Deus lhe pague a bela esmola
Da mulher com seu marido
Senhor Divino que conserva
Esses corações unidos

Finalizada a cantoria, o chefe dos foliões ordena a retirada da folia da residência. Quando já se encontram do lado de fora, todos retornam a mesma posição de quando chegaram. Os salveiros então inicia o ritual de despedida soltando fogos e proferindo salvas, que além de anunciar a saída do cortejo, também mandam a localização no espaço, para que o restante da comunidade possa saber onde se encontram (SIGRIST, 2014).

Figura 4. Folia dos Malaquias



Fonte: <https://goo.gl/JT5CCS> (2016)

- **Banquete**

Os alimentos servidos durante o banquete são doados por promesseiros ou pela vizinhança que se dispõe a ajudar. A responsabilidade é atribuída um ano antes através de sorteio, a quantidade de gêneros, bem como o cálculo da quantidade que cada um ficará responsável para arrecadar (SIGRIST, 2014).

A fartura é vista para quem visita a festa através da quantidade de carne bovina que é preparada para o evento. Geralmente são 15 animais abatidos para atender a um público de mais ou menos 2 mil pessoas. Até hoje nunca faltou alimento para os convidados, e caso pudesse faltar, antes mesmo de acontecer, os foliões pedem mais doações para os produtores rurais da região (SIGRIST, 2014).

Figura 5. Banquete



Fonte: <https://goo.gl/J2VSfP> (2016)

- **Terço cantado e içamento da bandeira**

Este momento é caracterizado pelo fechamento da festividade religiosa, ou melhor, a o período sagrado da festa. Ainda no interior da capela, homens e mulheres ficam em lados opostos, separados, para a reza do terço. Em cada Salve-Rainha durante o terço é fogos de artifício. Quando termina o terço, as presentes recebem uma vela acesa para dirigirem-se para o lado externo da capela (SIGRIST, 2014).

O pátio fica iluminado somente com as dezenas de velas acesas. Neste momento inicia-se o ritual final, com a queima da fogueira e o içamento do mastro com a bandeira acoplada. Depois do mastro levantado é soltado os rojões para simbolizar o encerramento das atividades religiosas. A queima da fogueira representa para crença cristã a fé e a depuração da alma (SIGRIST, 2014).

Figura 6. Fogueira



Fonte: <https://goo.gl/Mn5aXK> (2016)

- **A dança do catira e o consumo de bebida alcoólica**

Depois de encerrada a cerimônia religiosa começa o período profano da festa. No salão destinado a festa há a apresentação pelos homens da dança catira. Não é qualquer pessoa que pode dançar o catira no dia da festa, para isso, existem avaliadores de dançarinos para avaliar quem está apto para participar (SIGRIST, 2014).

O catira é marcado pelo sapateado e o palmeado e sofre variações a cada ano nas apresentações, o intuito é melhorar a performance e testar a agilidade do catireiro. Nos intervalos das apresentações é oferecida uma rodada de pinga, cuja garrafa fica no centro para que todos tomem a bebida direto na "boca" da garrafa (SIGRIST, 2014).

Figura 7. Dança do catira



Fonte: <https://goo.gl/TydUzu> (2016)

- **baile musical e leilões de bens**

O baile musical foi introduzido com o decorrer do tempo nas comemorações da Festa do Divino. Faz mais de trinta anos que o baile faz parte da programação do festejo, ocasionando na ida de alguns visitantes a comunidade somente para participar deste momento da festa, do que pela religião, a razão do evento (SIGRIST, 2014).

Nos intervalos do baile, alguns bens são leiloados, desde itens mais valiosos como novilhas, vaca, bezerros, porcos, como também coisas de menor valor como galinhas assadas, vinhos, *whisky*, bolos, etc. Entre o baile e os leilões, a festa se estende até as 07:00 horas da manhã do dia seguinte (domingo). Depois do encerramento para o público em geral, fica no recinto apenas as pessoas que interessam em participar da festa no ano seguinte, realiza-se então o sorteio para definir o cargo e obrigação destinada pelo "Espírito Santo" (SIGRIST, 2014).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo em que a tecnologia predomina a comunicação humana na atualidade, é através de eventos como a Festa do Divino de Santa Tereza que podemos perceber o quão importante é a interação humana face a face. O resgate e a manutenção de aspectos peculiares de uma cultura popular de origens medievais, ainda presente firmemente nos dias de hoje, traz para reflexão até quando eventos como estes conseguirão existir na história de nosso país mantendo a tradição que é típica deste festejo.

A promessa realizada pela dona Francelina, em realizar a festa nas próximas três gerações quando pediu o milagre já encontra-se na segunda geração, ou seja, a festa ainda é garantida por mais uma geração dos Malaquias. Depois disso, a continuação dependerá do esforço e dedicação dos descendentes não inclusos na obrigação. Espera-se que prossiga o mais longínquo possível, mantendo as raízes de um evento fundamental para história da cultura religiosa de Mato Grosso do Sul, símbolo de resistência e de desenvolvimento local.

Pode-se concluir deste levantamento bibliográfico, que a Festa do Divino contribui imensamente para que a demonstração da fé não caia no esquecimento popular. Mesmo em um mundo em constante mudança, alguns aspectos característicos ainda é mantido por pessoas movidas pela crença em um Ente superior. Desta forma, pessoas marginalizadas socialmente enriquecem culturalmente o ambiente tão próximo da vida cotidiana (rural e urbana) a quem acredita na fé cristã.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, R. C. M. P. **Festa à Brasileira:** significados do festejar, no país que "não é sério". 1998. 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- AZEVEDO, Thales de. **A religião civil brasileira:** um instrumento político. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2014
- BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular:** leituras de operárias; apresentação de Dante Moreira Leite, prefácio de Otto Maria Carpeaux. Petrópolis: Vozes, 1986
- Camapuã News, Ocorre hoje a 105ª Festa do Divino em Santa Tereza. Disponível em: < <https://goo.gl/2VC1wh> >. Acesso em 16 de Novembro de 2016.



XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE

Camapuã News, Divino Espírito Santo atrai milhares de pessoas. Disponível em: < <https://goo.gl/J2VSfP>>. Acesso em 16 de Novembro de 2016.

MELO, J. M. Folkcomunicação. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOITOWICZ, Karina Janz. (Orgs). **Noções básicas de Folkcomunicação:** uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura popular:** história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MELO, J. M. Introdução. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2014

MS Todo Dia, Tradição da Festa do Divino Espírito Santo é mantida em Figueirão. Disponível em: < <https://goo.gl/Mn5aXK> >. Acesso em 16 de Novembro de 2016.

O Correio News, Tradição da Festa do Divino Espírito Santo é mantida em Figueirão. Disponível em: < <https://goo.gl/JT5CCS> >. Acesso em 16 de Novembro de 2016.

ORTIZ, Renato. **A Consciência Fragmentada.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em Festa:** gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCG; Editora Kelps, 2005.

SIGRIST, Marlei. **Mestres do sagrado:** festa do Divino em Santa Tereza. Campo Grande, MS: FCMS, 2014